

A POESIA: SOCIEDADE, LEITURA, INTERPRETAÇÃO E ENSINO

Jair Bontempo de Lima¹

RESUMO: A falta da leitura de poesia na atualidade é talvez o resultado do descaso por ela no ensino e em determinados momentos da história literária. O fato tem causado grandes preocupações para os autores modernos, que têm buscado na construção de suas poesias, caminhos para conduzir o homem a redescobrir valores perdidos que o sistema capitalista, com seu consumismo, tem destruído na vida do homem moderno. A poesia tem esse poder de formar e transformar a sociedade por meio de suas mensagens. Desta forma, este artigo busca discutir essa preocupação.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia. Autoconhecimento. Humanidade. Ensino. Sociedade

Para fundamentar um estudo mais profundo sobre a linguagem poética, seus reflexos no autoconhecimento humano e na sociedade, bem como as suas possibilidades de interpretação, são necessários discutir os conceitos de poesia em geral. Nesse propósito será dada maior ênfase à poesia lírica e o lugar que esta ocupa na sociedade. Também, se discutirá sobre o poeta, o leitor de poesia e o seu ensino nas escolas, conforme o pensamento de vários teóricos e críticos que escreveram sobre esses assuntos

¹ Pós-Graduada em Língua Portuguesa, Literatura e ensino e graduada em Letras pela Universidade Estadual de Goiás – jairbontempo@hotmail.com

Segundo Aristóteles (1987), toda poesia se origina da imitação, que é próprio da natureza humana, pois a harmonia e o ritmo sempre a acompanharam. No decorrer destas imitações chegaram-se aos metros. Pouco a pouco tais imitações deram origem à poesia, que se diversificou pelos vários poetas e estilos de época.

Na concepção de Huidobro (1921, p. 213), a poesia tem duas significações: significação gramatical da linguagem que dá nome a tudo sem mudar o seu sentido real diante do mundo; e a significação mágica, a qual é da maior importância na poesia, pois ela ultrapassa as normas da gramática. O autor explica ainda que na poesia as palavras perdem

seu sentido real para dar lugar a um novo sentido, subjetivo ou até irreal das coisas, levam o leitor alcançar o encantamento. Esta magia é um trabalho de grande relevância que traz a premiação do poeta, em sua construção poética.

A poesia tem um vocabulário espontâneo, desprezioso e sem julgamentos, onde o poeta cria novos vocabulários ou faz ressurgir outros esquecidos. Esse universo de possibilidades da criação da escrita, e de significado é aberto, subjetivo e, por isso mesmo individual. O vocabulário da poesia é sem pretensão, livre para criar e recriar, inventar e desvendar horizontes desconhecidos do mundo, uma vez que, na poesia lírica, não existe passado nem futuro. O poeta não tem compromisso com o mundo da sua imaginação, sendo ele o criador de um mundo que deveria existir. Segundo Huidobro (1921, p.213);

O poeta faz mudar de vida as coisas da natureza, recolhe com sua rede tudo aquilo que se move no caos do inominado, estende fios elétricos entre as palavras e ilumina subitamente rincões desconhecidos, e todo esse mundo estoura em fantasmas inesperados.

Desta forma, a essência da linguagem da poesia está na palavra, na imaginação criadora, e no seu isolamento da linguagem falada. O mundo nem percebe o valor da poesia que encanta e que somente é encontrada no ato da leitura. Assim, a poesia é uma criação sublime, é antes de toda criação literária. Ela está antes do homem porque está na essência da criação e depois do seu fim porque a poesia não morre. O poeta cria o mundo e os seus significados, ouve vozes secretas e faz o encanto invadir os pensamentos dos leitores e transportá-los ao paraíso dos sonhos e do inexprimível, suas palavras são mágicas, puras e nos leva ao além, nos fazendo descobrir os segredos do mundo.

Já na concepção de Ungaretti (1950), o poeta é um ser empenhado em fazer o homem redescobrir os caminhos da vida moral, que o mundo sempre está a corromper e a destruir. E como ele está na história, vendo o sofrimento humano que o cerca, o poeta exprime os seus pensamentos que são levados a dar um significado de libertação para um leitor, quando lê um poema. O escritor Ungaretti (1950. P, 222) ainda confirma a sua visão de libertação por meio da poesia com uma passagem citada no “Diálogo di Timandro e di Eleandro”, de Leopardi que, “Se algum livro moral puder ser útil, eu acho que seriam úteis, sobretudo os livros

poéticos”. Comenta-se que os livros poéticos são direcionados para mexer com a imaginação e trabalhar no íntimo de cada ser, quando se faz a leitura de um poema. É desse pressuposto que se entende o valor do ensino da poesia na escola, do qual falaremos ainda nesse artigo.

Para esse mesmo autor, a poesia é como um dom ou momento de graça, mas os seus modos são infinitos, por acompanhar o estilo de cada poeta em particular, desta forma a poesia traz dentro de si um ser com sua história, um ser único, anônimo e universal. A poesia deve ser sempre nova, e ir além do tempo e espaço. Mesmo tendo o seu lado obscuro, a poesia deve ser compreendida pela maioria dos seus leitores ou esta não terá valor, pois o seu esforço perene é o de reafirmar sempre a integridade, a autonomia e a dignidade do ser humano.

É importante acrescentar ainda o conceito de Silva (1989) sobre a poesia, o escritor descreve a poesia como uma arte de criação e construção e não um fenômeno da natureza. A poesia não existe sem a participação humana, toda criação só será poesia quando esta incorpora à linguagem do poeta. É uma arte de palavras e não existe fora da linguagem. A poesia tem um tipo definido de linguagem, diferente da linguagem comum; nela as palavras, em parte, não tem sentido real; em parte são conotativas, possui sentidos figurados, ditando de outras formas a verdade. Às vezes, algumas palavras são usadas apenas para dar sonoridade à poesia, desligada de sua significação. A linguagem poética opõe-se a norma rigorosa da sintaxe, havendo assim uma fragmentação, ou mesmo, acompanha o ritmo do pensamento, as palavras são organizadas para causarem ritmo, por meio de repetições ou acústicos regulares como acontece na música.

E para Otávio Paz (1982, p. 15), a poesia “é conhecimento, salvação, poder, abandono”. É uma forma superior de linguagem capaz de mudar o mundo pelo seu efeito transformador. Tem uma função espiritual de libertar o interior humano do vazio, do tédio, da angústia e desespero; revela este mundo e criam outros, causando a magia do encanto. Na leitura da poesia os conflitos do ser se resolvem, e se transforma moralmente em um ser melhor. Por serem mensagens vividas e sofridas que provocam o homem na sua integridade substancial para a sua aceitação.

Para Paz (1982), não devemos confundir poesia e poema; porque o poema é a escrita ou a unidade, a parte concreta, a materialização, todos os poemas não são poesia. A poesia

acontece quando esta escrita provoca impacto, encanto e transformação no leitor. O poema é o lugar onde a poesia e o homem se encontra, tendo no poeta o mediador ou condutor deste encontro. Ainda, concorda que há várias formas de se fazer poesia, mas cada poema é único.

O mesmo autor faz ainda uma observação sobre a limitação da qualificação dada pela retórica a poesia como: épica, lírica e dramática, considerando-as inúteis para trabalhos minuciosos da compreensão da poesia. Desaprova as disciplinas da crítica literária que usam desde a estilística até a psicanálise para a análise de um poema, começando pela forma de escrita do poeta e em seguida, pela interpretação dos símbolos, que tudo isso é descartado quando se quer fazer um estudo de um poema. Discuti-se que esses itens não auxiliam no esclarecimento sobre a natureza íntima da poesia. E ainda quanto à parte histórica apresentada para o auxílio na compreensão de uma análise de poesia, não tem ajudado muito, mas só tem aumentado as dificuldades de compreensão, produzindo um distanciamento do sentido real. Assim, segundo Paz (1982, p. 19),`

A história e a biografia podem dar a tonalidade de um período ou de uma vida, esboçar as fronteiras de uma obra e descrever, do exterior, a configuração de um estilo; também são capazes de esclarecer o sentido geral de uma tendência e até desentranhar o porquê e o como de um poema. Não podendo, contudo, dizer o que é um poema.

Nesta passagem, o autor mostra que tais práticas não são suficientes como critérios para se analisar um poema. De certa forma, “técnica e Criação, utensílio e poema são realidades distintas” (PAZ, 1982, p.20). As técnicas poéticas são feitas de invenções e só servem para o poeta, ao apoiar-se numa linguagem e a transcender em seu fazer poético. Segundo Paz, (1982, p.24, 5) na poesia, “os materiais abandonam o mundo cego da natureza para ingressar no das obras, isto é, no mundo das significações”. A sua linguagem é primitiva, original e mais perto da linguagem falada.

Ao final da sua reflexão e análise, o autor coloca que o poema é uma obra aberta a todos os homens, por sua participação, de maneira que, sem esta atividade leitora, a poesia não terá sentido nem significado. A cada leitura de um poema o homem se descobre cada vez mais. O leitor e o poeta são criadores de imagens e poesias, e o poema nos leva à pureza da existência humana.

Pode-se ver que a poesia tem os dois lados que os autores discutem em suas perspectivas; o da construção por meio da palavra ou trabalho com a linguagem e o da graça ou dom natural de poetizar, por isto há certa dificuldade em defini-la.

Em seguida, Otávio Paz (1993) faz uma reflexão sobre o destino da poesia e as ameaças que esta enfrenta na modernidade diante do mercado que não tem ideias, valoriza quantidades apresentadas pelas estatísticas, tem somente conhecimento de preços e sabem pouco de valores permanentes. Mesmo assim, é impossível negar o domínio do mercado em nossos dias. O autor mostra ser necessário dar início a uma reforma na maneira de agir da sociedade moderna em relação à literatura. Desta forma, a literatura faz uma volta ao tempo, um retorno às origens. Na verdade um retorno “[...] de realidades enterradas, reaparição do esquecido e do reprimido que, como outras vezes na história, pode desembocar em uma regeneração” (PAZ, 1993, p. 134).

Historicamente, a leitura da poesia modificou conforme o tempo e a cultura. Num tempo passado a poesia representou o sentimento do homem. Já nos dias atuais a leitura de poesia virou pedra de escândalo, sendo a outra voz. Deste modo, a poesia moderna não provém da imaginação do poeta, mas de sua voz, sotaque que a torna outra; sendo uma poesia antimoderna de transgressão que nasce da diferença original das coisas. A poesia em nossos dias não tem valor e nem importância, é uma poesia de ninguém, são apenas palavras jogadas, porém, sua persistência em negá-la em seu seio na modernidade tem-lhe dado um novo vigor. Tem sido uma poesia para lembrar o homem da sua existência real. Por isto, ela se converteu em voz, não uma voz do além, mas do homem adormecido no fundo de cada ser.

Segundo Paz (1993), não se sabe como será a poesia neste caminho de tanta destruição dos princípios da humanidade por causa da ordem econômica do mercado. Diante de tudo isto, a função da poesia será de assegurar a sobrevivência por meio de sua influência direta, de sugerir, inspirar, insinuar e mostrar os valores de fraternidade perdidos pelos homens, pois enquanto existir o homem existirá a poesia. Se o homem a esquecer seria como se esquecer de si mesmo.

Paz (1966) discute ainda sobre o verso e prosa na modernidade. Com a ruptura das normas tradicionais e o novo estilo de se escrever poesia, como em versos livres, os poemas

modernos são qualificados pelo ritmo, o que na prosa não é só o ritmo que conta. O ritmo é antes da fala, e a linguagem nasce do ritmo, então as palavras voltam em direção à poesia naturalmente. A poesia está em todos os tempos, pois é a maneira de comunicar natural dos homens; desta forma, o ritmo confunde com a linguagem, e não existe povo sem poesia. Na poesia tudo é possível em relação à linguagem, enquanto na prosa requer mais domínio de pensamento sobre as palavras. Conforme diz Paz (1966), na poesia de Eliot, *The waste land*, o homem moderno virou um ser em meio à criação, não consegue se reconhecer em nada. Diante desta crise do homem moderno, o poeta busca o passado e atualiza a história; perdidos os ideais, estes se jogam a todas as aventuras.

Paz (1966, p. 36), explica ainda que o modernismo abriu um espaço entre a prosa e o verso, nos monólogos e nas conversações, abrindo caminhos para dentro de si mesmo. Para ele “A poesia moderna de nossa língua é mais um exemplo das relações entre prosa e verso, ritmo e metro”. Porquanto a prosa acolhe o verso em seu interior, o ritmo e metro são de natureza da linguagem.

Ao considerar essa linha teórica do conceito de poesia, é preciso compreender que a discussão em torno desse assunto se faz de forma progressiva, mas interligado entre si. Assim, faz-se, a partir desse ponto, a discussão sobre a lírica.

Para Adorno (2003), lírica e sociedade são dois campos divergentes, mas paralelos. A poesia lírica é intacta e individual, mas seus conteúdos não são apenas expressões emotivas de experiências individuais, assim tornam artísticas a partir da participação no universal, expressando o que todos vivenciam. Esse individual da lírica o leva ao universal e coloca patente algo não percebido no universo humano. Adorno (2003, p. 194) explica essa universalidade do conteúdo lírico assim:

Essa universalidade do conteúdo lírico, todavia, é essencialmente social. Só entende aquilo que o poema diz quem escuta em sua solidão a voz da humanidade: mais ainda, a própria solidão da palavra lírica é pré-traçada pela sociedade individualista e, em última análise, atomística, assim como, inversamente, sua postulação de validade universal vive da densidade de sua individuação.

Nesta citação, percebe-se que a lírica tem compromisso com o social, seu pensamento tem de estar integrado ao todo de uma sociedade, para mostrar em que parte obedece esta sociedade, e em que parte ela a ultrapassa. Nesse sentido, os seus conceitos devem ser compreendidos pelo leitor. A poesia lírica tem o poder de falar tudo que a ideologia oculta, passa além da falsa consciência, e anuncia um mundo diferente.

Adorno (2003), na sua expressividade de mestre, explica que a lírica é entendida como um momento de ruptura de si mesmo, onde a voz lírica expressa o oposto do coletivo e da objetividade. A poesia lírica busca renovar o eu ou restaurar aquilo que a dominação humana lhe tirou, visto que tudo que vem de fora silencia a alma e empesta ao sonho. A relação entre lírica e sociedade é o não social do poema que seria o seu social. A objetividade que se torna subjetividade. O sujeito soa na linguagem até que esta ganhe voz.

Para Bosi (2000), o poder de nomear existente na linguagem e também na poesia, que era de extrema importância para as mesmas, hoje, se tornou uma função da ideologia dominante. O mundo moderno roubou esse poder originário de nomear, de entender a natureza e o homem, e de ajudar em sua união, transformando o homem e os objetos em uma sociedade de consumo, sociedade esta que é medida pela posição que cada um ocupa e pelo que se tem. E a poesia que o acompanhou no passado perdeu seu espaço na vida do homem por não trazer retorno ou lucro.

Desta forma, a poesia resistiu este momento consumista do capitalismo. Não quis aliar-se a esse movimento turbulento de incertezas, ficando à parte nessa sociedade, sem conseguir integrar-se a ela, visto que este mundo não a valoriza nem a ouve. Ficaram somente os seus modos históricos no interior deste sistema. A poesia moderna, diante deste descaso da sociedade pelo seu conteúdo, só lhe resta tirar de si mesma a sua forma de sobreviver.

O poeta moderno resolve ser ele mesmo diante dessa relação desumana da sociedade, pois os valores enquadrados na poesia foram transportados para uma ideologia que mascara a realidade fazendo divisões, não união, embora seja este o seu discurso, a igualdade; como se nada fizesse. O poeta decide que a poesia deve ser para todos. Esta resistência propõe recuperar o sentido comunitário perdido pelo homem e a natureza, trazendo de volta o passado e as suas origens na poesia mítica e da natureza, ressaltando a melodia dos afetos

perdidos, ou uma poesia crítica da desordem em que o mundo se encontra. Na nostalgia, na crítica e na utopia. A poesia moderna vai criando o seu caminho sem ser entendida de todos os homens, sendo somente um eco em seus corações, visto que a poesia só será poesia se for entendida na sua essência.

A poesia fechou-se em si mesma, na sua forma de construção. Segundo Bosi (2000, p. 170), os caminhos da resistência mais trilhados foram “poesia-metalinguagem, poesia-mito, poesia-biografia, poesia-sátira, poesia-utopia,”. O autor explica que a poética da metalinguagem é o mito do capitalismo, produção pela produção. O retorno da poesia mitológica é para trazer de volta a grandeza dos fatos heróicos, que foram praticados pelos homens. A poesia moderna é uma poesia aberta de presente-passado-presente para levar ao desejo do futuro, que volte a reinar o amor e a sensibilidade nos corações. A poesia sátira moderna adere-se à linguagem e aos modos de pensar da sociedade em geral, seu humor chega ao nada; e a poesia utópica é fora do tempo, revive poetas e sonhos diferentes à imaginação criadora. Esta poesia de resistência tende acender o desejo de uma nova existência, mais livre e bela que possa ainda unir a si mesmo o sujeito e a natureza que o criou, sendo esta a sua função, de preencher o vazio que separa os seres.

Eliot (1971) explica que a poesia foi usada em primeiro lugar em rituais religiosos, por sua fácil memorização, para se transmitir as histórias bíblicas, possibilitando, desta forma, atingir em determinados gêneros, a perfeição. Nos tempos modernos, sua forma ainda está presente nos hinos religiosos, mas com um significado diferente, contendo informações e instruções morais. Mais a frente, os poemas de informação foram extintos, ficando os poemas de exortação moral, e outros, para convencer o leitor de certo ponto de vista. A poesia transforma-se em sátira, para ridicularizar o momento e convencer os adversários políticos e religiosos de suas intenções. Para o autor, a função social da poesia primeiramente deve ser a de dar prazer, comunicar experiências novas, um novo entendimento de vida, sentimentos; e trazer conscientização individual. E é importante que cada povo tenha sua própria poesia, pois isto faz a diferença na sociedade em geral. Conhecer os seus poetas e poemas nacionais é de extrema relevância, visto que eles conduzem a história e preservam a língua.

Eliot esclareceu que podem ocorrer mudanças em toda uma língua, mas a poesia carrega toda essa língua com suas mudanças, e as eterniza. A poesia sempre terá algo a dizer para o seu povo, até mesmo manter vivos os seus poetas mortos ao longo da sua história. Os poetas renovam e embelezam a língua e a perpetua. A poesia por ser universal, adquire significados importantes em sua interação com outras línguas ou povos, dando possibilidades de maior compreensão das culturas afins e desfrutar de suas criações e belezas. Em sua visão, o autor teme pela extinção da poesia, pois as forças que a sustentam estão se esvaindo do meio da humanidade, por mais que se lutem em seu favor, muito pouco tem acontecido, perante a grande revolução que esta tem a fazer na vida da comunidade.

Sobre a compreensão da revolução moderna na poesia, em especial, a poesia lírica Staiger (1969) discute que o estilo da lírica é a causa de muitas análises estilística. Nela, busca-se compreender os estilos desta poesia sem intenção alguma. No estilo lírico não há reprodução linguística de fatos, não podendo assim compreender e desvendar todos os seus mistérios, por estar ligada ao sentimento ou a consciência do poeta, sendo algo impossível de alcançar a sua totalidade de compreensão.

Assim, o sentido dos versos líricos é essa mistura de significação das palavras e sua música, de modo que cada palavra ou sílaba na poesia lírica é intocável. A poesia lírica por ser individual, não é uma poesia para ser declamada, mas para ser lida isolada e no sossego; porém, quando se ouve a sua leitura somos tocados pela disposição do poeta, porque o seu efeito é diferente das demais poesias, épica e dramática; visto que elas são de fácil compreensão, são objetivas. Já a poesia lírica precisa ser sentida. Sua musicalidade chama a atenção, uma vez que, comunica sem palavras, por ser destinada ao canto. Tom e mensagem estão unidos na sua poesia. Muitos críticos da estética das formas de composição tentaram alcançar as origens da poesia lírica e não conseguiram nada além de admiração, visto que não existem formas de construção e nem há receita para a poesia lírica, por isso se dá a sua dificuldade de definição dentro da literatura.

Nota-se que as poesias líricas são de poucas linhas e que devem ser pequenas, sendo o poeta o responsável por sua inspiração e elaboração e até mesmo explicação, de forma que o poeta está frente ao lírico e consciente de sua criação.

Em certas obras, o lírico se mistura ao épico e ao dramático para dar um sentido maior a sua criação, já em outras há uma criação mais fluida que se precipita para uma total desintegração do eu, que é um reencontro do eu do poeta consigo mesmo, por meio do compasso.

Para Staiger (1969), as repetições que acontecem na poesia lírica é o que não a deixam se desfazer, por estas repetições só acontecerem na poesia lírica. O refrão pode conter o elemento lírico, e também pode ser somente como um ornamento na poesia. A unidade e coesão são de extrema importância no poema, mas revela por meio dos exageros lógicos a falta do lírico. O lírico acontece mais na liberdade de expressão, se deixa levar por coisas passageiras, não precisa de ligação lógica na sua construção, pois, tudo está como flutuando no universo da lírica.

Na poesia lírica, o poeta pode falar de si para si mesmo, pois a poesia lírica é uma arte da solidão e sua mensagem é mais aceita por pessoas solitárias. Dessa forma, esse tipo de leitor sentirá como se ele próprio fosse o seu compositor, mostrando, por sua vez, que não há separação do leitor e do que ele escreve. Nesta ordem, fica difícil classificar o valor lírico da poesia, por ser uma criação singular e irreproduzível. Desta maneira, segundo Staiger (1969, p. 51) a poesia:

Precisa, todavia, ser apreensível e confortar o leitor com a ideia de que sua alma é mais rica do que ele mesmo supusera até então. A poesia lírica tem, portanto, que satisfazer exigências antagônicas. Por outro lado, leitores experientes consideram quase tudo que lhes mostram ruim. Quando surpreendem uma boa poesia tem vontade de gritar: “milagre, milagre!”. Muito justo, pois qualquer verso lírico autêntico que se sustenta por milênios é um milagre inexplicável. Qualquer sentido de comunidade, de verdade fundamentada, de força persuasiva ou de evidência, escapa-lhe. É o que há de mais privado, e de mais peculiar sobre o tema. E, contudo consegue unir os ouvintes mais intimamente que qualquer outra palavra.

O que essa citação comprova, nas palavras de Staiger, é que o lírico está presente em cada ser humano, de uma forma ou de outra. Para o autor o passado na poesia lírica pertence à memória, sendo os seus temas um tesouro da recordação, que o presente não cede poderes ao passado, mas este vem da memória, quando tocados pelos sentidos. O presente e o passado indicam um frente ao outro, que o poeta não torna o passado em presente, pois passado e presente estão próximos dele. Então, esse recordar é a união do sujeito e objeto, um-no-outro

na poesia lírica. Pois, o poeta lírico fala de algo passado ou futuro no seu sentimento e assim presente, passado e futuro se fundem, sendo na poesia lírica o amor a sua fonte inspiradora e a canção da alma.

Dos conceitos dos autores que embasaram esse estudo, veio a classificação da poesia em lírica, épica, e dramática. Na poesia lírica o autor apresenta o seu mundo interior, subjetivo; na poesia épica o autor apresenta o seu mundo exterior, objetivo; e na poesia dramática sintetiza os sentimentos e a vida exterior com atores representando frente ao público. Como diz Staiger (1969; p. 73), “O elemento épico precisa ser recolhido, o dramático tem que ser arrancado à força. O lírico, porém, é dado por inspiração.”

Nota-se que a dificuldade em definir a poesia lírica encontra-se na sua forma livre de se conduzir ao longo da sua construção. Pois a poesia lírica não se prende a nada, não constrói nem destrói e também não se percebe contradição, diferente da poesia épica e dramática que estão ligadas a um povo e sua história.

Segundo Friedrich (1991), a lírica europeia do século XX não é bem compreendida sendo enigmática e obscura. Uma obscuridade que fascina e ao mesmo tempo desconcerta. Essa incompreensibilidade e obscuridade se caracterizam como uma tensão dissonante que é o objetivo das artes modernas. Uma vez que sua obscuridade é intencional, pois poetizar significa elevar à linguagem a incompreensibilidade, pois ela é uma criação auto-suficiente e pluriforme na significação.

Essa tensão dissonante da poesia moderna traz traços de origens arcaica, mística e oculta. Das três maneiras de composição da lírica que é sentir, observar e transformar, a poesia moderna se configura na última, de transformar o mundo da língua. A poesia se trata de uma polifonia e uma subjetividade incondicional que não pode decompor separado da sensibilidade.

Outra questão da poesia moderna é a dramaticidade agressiva do poeatar. Essa questão, mais os temas contrapostos do que justaposto, trazem uma inquietação de estilo que separa a dramaticidade dos sinais de significado que determina a relação entre a poesia e o leitor. Isso causa choque no leitor, por causa do vocabulário insólito e das palavras eletrizadas

liricamente. Quanto à composição poética de cores e formas autônomas, deslocam ou afastam tudo que é objetivo, para realizar o si mesma, tanto quanto as seqüências sonoras sem significado, ajudam a não compreensão do poema.

Reconhece-se neste poetar que a liberdade é tão grande que a cognição pode constatar a sua própria liberdade, mas não compreende os conteúdos que são atingidos por ela. A cognição de tal poesia e sua incompreensibilidade é uma característica plausível da estilística.

A cognição da lírica moderna procura categorias para descrever sua lírica, que para a crítica apresenta negativa, não no sentido de depreciar, mas de definir, em consequência de suas mudanças tanto na teoria poética quanto na crítica. A poesia veio colocar em oposição uma sociedade preocupada com a literatura tradicional e a colocou em liberdade para dizer tudo que lhe sugerisse uma fantasia imperiosa do inconsciente e o jogo com uma transcendência vazia.

As categorias positivas que são as de qualidades de conteúdo trazem nesta poesia, o apaziguamento, a alegria, a plenitude harmônica e afetuosa de catástrofe que se tornam bênção, isto é exaltado na poesia moderna. As categorias negativas, com finalidade de: condensação, fragmentário, confuso, amontoado de imagens, sonhos vacilantes, tecido esvoaçante, usam estas formas para descrever ou elogiar a poesia ocidental de forma propositada. Assim, ela representa o que foi dito, e se faz uma poesia no centro da poesia. Isso significa na estilística o inadmissível, da inclinação do nada, sendo um estilo de alinhavo fragmentado. Um despoetizar, cheio de lampejos destrutivos, imagens cortantes e brutais, para causar o estranhamento e a anormalidade. Desse modo o tempo interior será o refúgio da lírica que se esquiva da realidade opressora, sua ousadia é extraordinária e atribui autonomia ao gênio artístico, na força da palavra. Friedrich (1991, p. 20), diz;

A originalidade poética justificou-se, recorrendo à anormalidade do poeta; a poesia apresentou-se como a linguagem de um sofrimento que gira em torno de si mesmo, que não mais aspira à salvação alguma, mas sim à palavra rica de matizes; a lírica foi, de ora em diante, definida como o fenômeno mais puro e sublime da poesia que, por sua vez, colocou-se em oposição à literatura restante e arrogou-se a liberdade de dizer sem limites e sem consideração tudo aquilo que lhe sugeriria uma fantasia imperiosa, uma intimidade estendida ao inconsciente e o jogo com uma transcendência vazia. Esta transformação espelha-se muito exatamente nas categorias com as quais poetas e críticos falam da lírica.

Entende-se do excerto acima que o autor julga a poesia quanto o conteúdo descrevendo-a como categorias positivas, pois toda audácia é legítima. Ensina a compreender o homem interior e o seu transcender, daquilo o que é o seu desejo e assim o faz universalmente humano, dando prioridade ao afeto ou estado de alma. A categoria negativa da lírica moderna é quanto a ideias fragmentadas, confusas, um amontoado de imagens e uma forma diferente de fazer poesia.

Esta transformação foi uma transcendência do poeta quanto à negatividade da vida social do contexto presente. O poeta mostra os seus sentimentos na poesia e não o caos que estavam vivendo naquele momento. Mas não deixa de refletir essas angústias, degradações. A poesia moderna é vista mais da categoria negativa do que positiva, pressentida por todos que procuram a sua compreensão. Dessa forma, percebemos que a estrutura permanece transparente mesmo quando cada um de seus membros seja mais tarde deslocado ou integrado. A poesia começa, então, a partir da linguagem, da apreensão do impulso, na própria palavra.

Nesse ponto da discussão, é indispensável tratar também da interpretação da poesia. Eco (1993) diz que a interpretação de um texto é um campo difícil de discutir. Pois o texto, desde que este vai para a mão do leitor, perde a sua autoria, se torna um texto em aberto que aceita as ideias do leitor, para dar todo o significado que este possa transmitir. Para o autor, todos os caminhos ditados pela retórica são duvidosos para se fazer uma boa interpretação. Visto que, a interpretação pode ir além ou à frente do seu tempo, isto depende da visão de mundo do leitor, pois cada leitor faz uma interpretação segundo sua bagagem de conhecimentos, desta forma as interpretações podem ser variadas.

Discute-se que certos autores podem revogar certas interpretações de seus textos como equivocadas, mas não se deve analisar desta maneira, pois um determinado texto pode despertar sentidos a frente e anterior aos seus fatos. Há certos textos que são fechados para tais interpretações, suas ideias são mais direcionadas, mas, segundo a crítica, a escrita de um texto sempre é vaga, cabendo sempre um leitor para interagir e o completar. Não existe um leitor modelo para um texto, mas há a necessidade de um leitor empírico e autor empírico na comunicação de um texto, para que haja uma boa interpretação. Segundo Eco (1986, p. 15),

“O leitor empírico é aquele que faz uma conjectura sobre o tipo de leitor-modelo postulado pelo texto”, ou mesmo que tipo de conhecimento cabe na interpretação de determinado texto.

Enquadram, desta maneira, os vários tipos de leitores discutidos por Meyer (1986), que é o leitor ingênuo, que vive no mundo da fantasia; os leitores para se fazer trabalhos, que são leitores que, às vezes, não conseguem retirar o que precisam das lições; e outros que desfrutam das venturas que trazem nas obras. Segundo Meyer (1986, p. 8);

O grande encanto de ficção está justamente em proporcionar ao leitor a conquista desse mundo novo, singular e único. Se não fosse a literatura _ poesia, ficção _ nada saberíamos do mistério individual dos outros, do seu mundo interior, da multiplicidade psicológica do homem.

Conforme o autor apresentou, a literatura, a poesia e a ficção têm sido de grande valia para a socialização e interação do ser humano um com o outro. E, o que é de mais importante, interação de sentimentos, emoções e sentidos.

Para Cortez (2005, a poesia é uma busca de emoção envolvida com os fatores estéticos para se tornar um todo e que estas emoções são carregadas de ideias, que propõem ao leitor que aceite ou recuse a emoção transmitida pela poesia, ou chegue ao conhecimento do estado do poeta. Pois a mensagem poética desperta; estados, vivências, ideias, e sutilezas da vida humana. Essas mensagens estão presentes na poesia, por meio das figuras da linguagem. A metáfora se destaca de certa forma, uma figura que soa imprópria, mas que tem o seu valor singular na poesia. A antítese é a figura que debate o ânimo positivo do sentido. As assonâncias reforçam os sentidos a que elas devem estabelecer na intenção do poeta. As sinestésias chamam a atenção para as sensações e para os sentidos que os leitores vão sentir na leitura de uma poesia.

Segundo Cortez (2005, p. 58), “ O poema funciona, de fato, como uma caixa de mil ressonâncias, onde pulsam cada fonema, cada palavra, cada frase. Como objetivo estético, haverá normalmente de “singularizar”, de estilizar seu recado, para melhor agilizar, explorar, e segurar nossos sentidos”. Assim sendo, seja a poesia de fruição ou uma construção, ela ajusta o leitor a sua mensagem provocando a inteligência, sensibilidade, intuição, levando-o a refletir.

Coelho (1976) faz uma explicação sobre os efeitos da linguagem na poesia. Começa-se pelos processos intensificadores do significado na poesia, esses podem ser uma reiteração da rima e do ritmo, muito acentuado na poesia lírica para dar significado às vozes que rimam como; musicalidade, repetir ideias. Essas repetições de sons despertam um prazer diferente de encantamento na poesia, que comove e provoca a imaginação.

Os processos imagísticos, não podem ser descritos, por estes procederem da imaginação, da fantasia ou da necessidade de expressar do homem. Por meio das figuras é que se relacionam aos muitos usos estilísticos. A linguagem poética não pode acontecer sem a magia causada pelas imagens ou metáforas, pois estas figuras da linguagem são a parte essencial da poesia. Com a ruptura da forma convencional de ver o mundo, a poesia leva o leitor a sentir o texto, por meio das sinestesias, que são parte da linguagem ligada aos sentidos, no qual a poesia vai além do sensível. As figuras de pensamento presentes na poesia estão nas formas verbais que barram a imaginação ou afetividade na representação da realidade; presente na poesia com várias formas de expressão como de oposição, ambiguidade, personificação, invocação.

A estilística da língua não tem como teorizá-la, as expressões são infinitas, pois, segundo Coelho (1976, p. 120), elas:

[...] nascem da imaginação, da fantasia ou da necessidade de expressão do homem, e levam a modificar o uso comum do esquema linguístico convencional. Ao lado dos processos imagísticos registrados aqui nesta unidade existe, porém, uma série de peculiaridades estilísticas ligadas às classes de palavras que podem ser agrupadas por afinidades, resultando em um esquema orientador de pesquisa.

Nota-se, nesta citação, que o autor mostra a relação, a estrutura e a forma das palavras, como são trabalhadas para dar certos sentidos à poesia. Para exemplificar a teoria da interpretação, é preciso buscar, na prática, a concretização teórica.

Para isso, a discussão se volta para o ensino, que trabalha na junção de todas essas áreas; interpretação, teoria e prática. Assim sendo, como foi discutido, percebe-se uma grande barreira a ser enfrentada na educação com relação ao ensino de poesia nas escolas. Muitas escolas e seus educadores não têm valorizado o ensino da leitura de poesia em seu seio, por ser um campo complexo e de difícil entendimento. Segundo Barros (2010, p. 21),

[...] muitos professores não vêm na poesia nenhuma contribuição para o aprendizado dos alunos, até mesmo por pensarem que leitura de poesia é para pessoas letradas, com conhecimento suficiente para interpretar. De certa forma, é verdade. Agora, isso não os isenta da responsabilidade de ler e motivar os alunos a lerem para obter bagagem suficiente para compreender um texto literário.

É assim que a poesia tem sido vista nas escolas por seus professores, não sabendo estes que a poesia faz parte do homem e da sua formação pessoal, que ela ajuda a transformar o caráter humano. Candido (1995, p. 242), diz que “leitura é um “desvendar de mundos”, que aguça o leitor, mexe com sua vontade interna, pela ficcionalidade e [...] ninguém pode passar vinte quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia”.

Desta forma, o ser humano necessita deste universo em sua vida, de ficção e de poesia. Ao fazer uma análise sobre a formação de leitores competentes e humanizados, a poesia se sobressai a todos os universos da leitura pelo seu valor educativo. Uma vez que a poesia requer apreensão e reflexão de seus leitores. São universos que estão à margem da sociedade atual, mas que deve ser reconsiderado o seu valor.

Desta maneira, vários autores defendem a necessidade do ensino de poesia na escola, por ser ela que faz a apresentação máxima da língua; de vozes e silêncio, sons e sentidos, saberes e cores que se fundem em sua essência. Dado que ela traz em si angústias, interrogações, incertezas, e desequilíbrios que são espaços a ser preenchido por um leitor. Há textos poéticos que são como uma construção da linguagem, onde expõe uma nova maneira de ver e pensar a realidade, e refletir sobre a vida, estes segredos que necessitam ser percebidos e refletidos por todo ser humano. Segundo Barros (2010, p. 72);

A linguagem poética dialoga com leitores de todos os tempos e espaços em função especialmente de seu poder catártico. Relendo o mundo, lendo o mundo de outra forma, com outros olhos, a partir de personagens outros, de perspectivas até então não vistas, o leitor, por meio da leitura literária, dos textos poéticos, é capaz de não

apenas se reconhecer no texto, reconhecer o outro e o mundo em que vive, mas também de se sensibilizar com o que a escrita “re-vela”.

Diante da explicação do autor sobre a importância da leitura de poesia nas escolas para ajudar na formação do ser humano, constata-se a importância do ensino de poesia na escola em todos os níveis de estudo. Verifica-se pelas pesquisas feitas nas escolas que a falta de habilidades dos professores para o ensino da poesia têm sido notório, o que leva ao descaso o ensino da poesia. No mundo mercadológico que vivemos as pessoas só querem aprender o que traz lucro ou retorno e a poesia é uma arte e ainda gratuita. Por isto, os alunos não dão muita atenção para o seu aprendizado. Percebe-se, normalmente, que quase todos os trabalhos desenvolvidos na escola sobre leitura de poesia, há sempre uma recusa no início por parte dos alunos, fazendo assim necessário um professor persistente para prosseguir avante e ultrapassar este primeiro impacto para conseguir o alvo desejado.

Precisa-se de uma boa preparação por parte do professor na escolha dos poemas para chamar a atenção dos alunos. Sugere-se uma metodologia que apresente a poesia para eles, os deixe conhecê-la por meio de uma leitura silenciosa para depois recitá-la. Em seguida, fazer comentários sobre o autor, a leitura e o poema; fazer perguntas, saber ouvir os questionamentos mesmo que não tenha as respostas, sugerir uma nova leitura pelos alunos, para finalmente pedir uma apresentação da poesia por todos, formando um grupo de vozes. Barros (2010) relata em sua obra *Vivências poéticas, experiências de ensino*; essas experiências que foram testadas. E que deram certo, no desenvolvimento do ensino da leitura de poesia.

Pelo fato de as experiências terem sido produtivas, faz necessário que o professor seja habilidoso e que saiba motivar e despertar o interesse de seus alunos para o exercício da leitura de poesia. O professor deve promover um espaço para preparar os alunos para esta leitura, e também ele próprio seja um leitor assíduo de poesia que encaminhe seus alunos para esta atividade.

O professor deve compartilhar com seus alunos a experiência de leitura feita em voz alta, pois dessa forma tanto o professor como os alunos vão estar envolvidos na leitura. E assim despertará no aluno o gosto pela leitura. Assim, ele irá se envolver com a leitura e se desenvolver cada dia mais. O professor precisa proporcionar este desejo no aluno. Este deve

estar interessado pelo que vai ler, para que se obtenha o prazer pela leitura. Então, é preciso que os professores implantem meios criativos de leitura, para despertar esse prazer no aluno, pois não adianta fugir deste tempo que tem de ser gasto para se formar o leitor, pois ele não vem pronto. É o professor que deve abrir o seu apetite e direcioná-lo, oferecendo o que ler, e deixando-o fazer suas escolhas. E ainda procurar incentivá-los a escrita e a criação de novos poemas por meio de paráfrases ou paródias.

Hoje com as novas tecnologias está mais fácil se aplicar na escrita de poesia e na montagem de poemas como sugeridos pelo presente momento da modernidade. Temos sites que ajudam nesta construção, tendo até professor especialista para consultar nas dúvidas, ou até avaliar os poemas que são escritos. Construir a aprendizagem da poesia é um desafio. Mas não é impossível. É preciso criar metodologias que instiguem os alunos a ler a poesia para deleitar de prazer

A poesia não é um fenômeno da natureza, ela não existe sem a participação humana. Nesse ponto, fica evidente seu poder de transformação quando fala da capacidade que a poesia tem de fazer um retorno às origens do ser humano para regenerá-lo e fazê-lo sensível ao mundo que o cerca. Portanto, poesia, sociedade e interpretação são inseparáveis na sua constituição e a escola é o espaço vital para a sua integração, divulgação e criação.

REFERÊNCIA

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**: poética. São Paulo: Nova Cultural, 1987, p. 201-229.

ADORNO, T. Lírica e sociedade. In: **Notas de literatura I**. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Ed 34/ Duas Cidades. 2003, p.193-268.

BARROS, D. C. (Orgs). **Vivências poéticas, experiências de ensino**. Goiânia: Editora Vieira, 2010.

BOSI, A. Poesia-resistência. In: **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: companhia das Letras, 2000, p.163-227.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. 3 ed. Revista e Ampliada. São Paulo: Duas cidades, 1995.

COELHO, N. N. **Literatura e linguagem**: a obra literária e a expressão lingüística. 2 ed. São Paulo, Quiron, 1976.

CORTEZ, C. Z. RODRIGUES, M. H. (orgs) Operadores de leitura da poesia. In: **Teoria literária. Abordagens históricas em tendências contemporâneas**. Maringá: FDUFM, 2005, p. 58-73.

ELIOT, T. S. **A essência da poesia**. Trad. Maria Luiza Nogueira. 1 ed. Editora Art Nova S.A. p, 28-43.

ECO, U. **Os limites da interpretação**. Trad. Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectivas. 1995, p. 1-19.

FRIEDRICH, H. **Estrutura da lírica moderna**. In: Perspectiva da lírica contemporânea: dissonâncias e anormalidades. São Paulo: Duas Cidades, 1991, p. 15-34.

HUIDOBRO, V. **Altazor e outros poemas**. Trad. Antônio Risério e Paulo César Souza. São Paulo: Art Editora, 1991.

MEYER, A. Do leitor. In: **Textos Críticos**. São Paulo: Perspectivas, 1986, p. 3-9.

MORICONI, I. **Os cem melhores poemas brasileiros do século**. São Paulo: objetiva, 2001.

PAZ, O. Poesia e Poema. In: **O arco e a lira**. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro. Ed. Nova Fronteira, 1982.

_____. **A outra voz**. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Siliciano, 1993.

_____. **Verso e prosa**. Otávio Paz na Universidade de Cornell. 1966, p.11-35.

RODRIGUES, C. MAIA, A. (orgs) **100 anos de poesia. Um panorama da poesia brasileira no século XX**. Vol. I e II. Rio de Janeiro: O Verso Edições, 2001.

SILVA, D. C da. **Uma teoria do poema**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

STAIGER, E. Estilo lírico: A recordação. In: **conceitos fundamentais da poética**. Trad. Celeste Aida Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1969. P, 19-75.

UNGARETTI, G. **Razões de uma Poesia**. São Paulo: editora da universidade de São Paulo, 1950.